

31/03/2015

«Comunhão e Libertação sabe aprender com os seus próprios limites»

***Vatican Insider* publica uma entrevista exclusiva concedida pelo presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Julián Carrón, à agência mexicana de notícias Notimex, dez anos após a morte do fundador, Luigi Giussani**

ANDRÉS BELTRAMO ÁLVAREZ
CIDADE DO VATICANO

É um dos movimentos mais importantes da Igreja católica. Nasceu em 1954 graças à intuição de Dom Luigi Giussani (1922-2005), jovem sacerdote e professor de religião dum liceu de Milão. Desde então, está em crescimento constante e hoje está presente em 90 países. Trata-se de Comunhão e Libertação. Mas no seu surpreendente crescimento, existiram também polémicas e escândalos.

Dez anos após a morte do fundador, o Papa Francisco concedeu uma audiência aos membros do movimento na Praça de São Pedro, no passado dia 7 de março, em que refletiu sobre as tentações e sobre os desafios que o movimento tem que enfrentar. Julián Carrón, o sucessor de Dom Giussani, fala deles nesta entrevista à Notimex.

Nestes dois anos de pontificado, o Papa Francisco surpreendeu com a sua mensagem inovadora, de radicalidade evangélica, mas criativo. Surpreendeu também o CL?

«O Papa Francisco surpreendeu-nos pela simplicidade com que se dirigiu a todos desde o primeiro instante, com uma linguagem acessível a todos: desde as pessoas com um nível cultural mais elevado, até às pessoas mais simples. A força dos seus gestos, que dizem mais que mil palavras, a confiança que tem na potência inerme da verdade evangélica (porque ele crê na beleza desarmada da verdade) e a irrupção de uma figura como a sua têm um significado estimulante para todos e também para nós. A sua pessoa e os seus gestos constituem uma provocação, na medida em que refletem uma maneira de viver o cristianismo nas circunstâncias históricas atuais, como se Cristo nos tivesse dado um modo de viver o cristianismo nos nosso tempos que, quando é vivido assim como o Papa o vive, nos torna capazes – ao contrário do que tantas vezes pensamos – de entrar em diálogo com qualquer pessoa e com todas as culturas».

Apesar das dificuldades, o movimento chegou a muitos países e realidades diferentes. Como é que vive esta difusão?

«Estamos surpreendidos com o fato de uma realidade de origem italiana ter suscitado este interesse em latitudes, culturas e situações humanas tão diferentes. Isto constitui uma confirmação da validade daquilo que nos comunicou Dom Giussani num contexto cultural como o de hoje, global, e vivemo-lo com todo o sentido de responsabilidade que implica. Ver pessoas da Nova Zelândia, da Rússia, da Argentina, dos Estados Unidos ou do Uganda interessadas na nossa experiência, é para nós a confirmação de que o coração do homem espera um cristianismo que possa responder a todas as exigências do próprio ser, não obstante as condições humanas em que se encontra a viver».

A difusão do movimento apresenta alguns desafios. Em muitos âmbitos, o movimento representa o “rosto visível” da Igreja. Como é que vivem esta responsabilidade?

«Com humildade. Sabemos perfeitamente o quão pequenos somos, conhecemos todos os nossos limites e toda a nossa desproporção. Ao mesmo tempo, vivemos alegres vendo que o Senhor, com o nosso pequeno “sim”, faz coisas que nos maravilham e que nos dão a certeza da fé. Neste momento histórico, em que tudo se desmorona, ver que a certeza da fé em Jesus Cristo cresce (não porque o imaginamos, mas porque vemos que as pessoas que O encontram vivem melhor, estão mais contentes, são mais capazes de enfrentar os desafios da vida), isto enche-nos de alegria e gratidão».

O Papa Francisco alertou-vos para certas tentações como a «auto referencialidade» e o «catolicismo de etiqueta». O que pensam destas advertências?

«Para nós são muito salutares, porque nos sentimos chamados à verdade do nosso carisma. Dom Giussani convidou-nos sempre a sair e a reconhecer o valor em tudo aquilo que encontramos, em qualquer pessoa que conhecemos e circunstância que vivemos. Por isso, esta advertência para não ficarmos fechados corresponde ao que ele nos indicou para não perdermos todo o bem, o belo, o maravilhoso que podemos encontrar na relação com as pessoas e as circunstâncias».

O Papa também vos pediu para não perderem «a frescura do carisma». Como é que encaram as críticas que surgem quando o movimento se encontra sob o olhar severo da opinião pública?

«Nós fomos a Roma, à audiência com o Papa, não para ter simplesmente um momento de celebração de um aniversário, mas com o desejo de aprender, de lhe perguntar com sinceridade como é que podemos – dez anos após a morte de Dom Giussani – preservar a frescura do carisma. O Papa respondeu-nos de forma muito clara, a chave é colocar constantemente Cristo ao centro, e não o disse apenas com palavras, mas fê-lo acontecer: na Praça de São Pedro, ouvimos falar do cristianismo tal como este era testemunhado também por Dom Giussani. O Pontífice fez renascer em nós a frescura do carisma; por isso sentimos que é tão urgente fazê-la permanecer».

Mas também houve muitas dificuldades nestes anos, não é verdade?

«Evidentemente, quando se fala de uma realidade social com as dimensões do movimento, encontramos-nos sempre debaixo dos refletores. Às vezes, isto permite-nos oferecer aos outros um contributo; às vezes, pelo contrário, é motivo de humilhação, porque também nós temos limites, como acontece também à Igreja no seu todo. Nós vivemo-lo com o desejo constante de levar sempre em consideração as observações de valor que nos são feitas, deixando cair os aspetos de exagero, de polémica jornalística instrumental, que deixamos passar, porque a nós interessa-nos aprender também com os nossos limites».